

# NUCLEO DE DRAMATURGIA

## SESI Paraná

AÚltimaRosa\*JuãoEduardoLohseCorrêa  
Fractal\*MartinaSohnFischer  
MenteEsquizofrênica\*EduardoRafael

coletâneade textos teatrais  
núcleo de dramaturgia SESI PR  
oficinas regulares de união da vitória 2010



**Núcleo de Dramaturgia**  
Sesi/PR Teatro Guaíra

# AÚltimaRosa

Juão Eduardo Lohse Corrêa

# Fractal

Martina Sohn Fischer

# MenteEsquizofrênica

Eduardo Rafael

## **Coletânea de Textos Teatrais**

Núcleo de Dramaturgia SESI/PR Teatro Guaíra  
Oficinas Regulares de União da Vitória 2010

União da Vitória Paraná Brasil

SESI – Serviço Social da Indústria  
Departamento Regional do Paraná

Presidente da FIEP  
Edson Campgnolo

Diretor Superintendente SESI PR  
Jose Antonio Fares

Os direitos de reprodução, de adaptação ou de tradução desta guia são reservados ao SESI - Departamento Regional do Paraná, inclusive a reprodução por procedimento mecânico ou eletrônico.

A última rosa. / Corrêa, João Eduardo Lohse. Fractal. / Fischer, Martina Sohn. / Mente esquizofrênica. / Rafael, Eduardo. – Curitiba : SESI/PR, 2012.  
140 p. ; 20 cm. – (Núcleo de dramaturgia SESI Paraná).

ISBN 978-85-61425-67-8

1. Teatro (Literatura). 2. Teatro brasileiro. 3. Literatura paranaense.

I. Corrêa, João Eduardo Lohse. II. Fischer, Martina Sohn. III. Rafael, Eduardo. IV. Títulos.

CDU 792

Normalização: Pandita Marchioro

Direitos Reservados:

Sesi – Serviço Social da Indústria  
Departamento Regional do Paraná  
Av. Cândido de Abreu, 200  
CEP 80.530-902 – Curitiba – Paraná  
Tel. (41) 3271 9000

# Sumário

Carta Diretor Superintendente SESI	05
Carta Secretário da Cultura e Turismo de União da Vitória	07
<b>A Última Rosa</b> Juão Eduardo Lohse Corrêa	09
<b>Fractal</b> Martina Sohn Fischer	51
<b>Mente Esquizofrênica</b> Eduardo Rafael	87



A solidez dos empreendimentos se confirma pela sua continuidade. A continuidade, por sua vez, manifesta-se em trabalhos exitosos. Esse é o panorama que se percebe quando dirigimos a vista ao Núcleo de Dramaturgia, projeto realizado em parceria com o Centro Cultural Teatro Guaíra e apoio do British Council, com coordenação do dramaturgo Marcos Damaceno.

A cada ano, um ávido e crescente número de participantes demonstra interesse em ingressar nesta iniciativa do Serviço Social da Indústria – SESI/PR e, por outro lado, os integrantes precedentes avançam seus trabalhos fortalecidos pela experiência dos anos anteriores.

Apenas em seu terceiro ano de existência, o Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná soma diversas montagens dos textos produzidos, dentre os quais, alguns já premiados e, outros, apresentados fora do circuito da capital. Além disso, conta com o reconhecimento da crítica e da imprensa local e nacional que volta os olhos para as novas vozes que aqui surgem. Tem em seu currículo a expansão das oficinas para outras cidades do estado, propagando, ainda mais, o incentivo aos talentosos dramaturgos ainda desconhecidos.

No término dos trabalhos de 2010, mediante a aguda supervisão do diretor e autor Roberto Alvim, os dramaturgos integrantes do Núcleo submeteram seus textos à avaliação de uma curadoria externa, a qual selecionou 18 obras destacadas por sua singularidade e excelência dramática.

Que este projeto de apoio e incentivo à cultura brasileira se robusteça continuamente sem que se extinga seu frescor inicial de conduzir as artes cênicas além de nossas expectativas.

**José Antonio Fares  
Diretor Superintendente do SESI Paraná**



No final de 2009, quando o então Coordenador do Núcleo de Dramaturgia do SESI – PR, Marcos Damaceno apresentava em União da Vitória, durante o Festival de Teatro, sua peça teatral Árvores Abatidas, sabendo que o Núcleo de Dramaturgia em 2010, também se espraiaria para algumas cidades do interior, manifestei o desejo de União da Vitória também ser incluída em tal roteiro.

No início de 2010, fui, oficialmente, visitar em Curitiba, a Coordenadora de Cultura do SESI – PR, Anna Paula Zétola e manifestei, também em caráter oficial, o desejo em sediar o Núcleo de Dramaturgia.

Anna Paula Zétola, mulher das artes e extremamente receptiva, foi sensibilizada por minha solicitação e disse que se a Fundação Municipal de Cultura de União da Vitória fosse parceira na empreitada, a cidade receberia as oficinas. Agradeci de forma entusiástica o apoio de Anna e firmamos ali mesmo a parceria que dias depois seria sacramentada.

Numa tarde de março de 2010, recebi na Fundação de Cultura, a visita de Anna Zétola e sua comitiva, e, em seguida fomos ao gabinete do prefeito, Carlos Alberto Jung, e o acordo foi oficializado, com o início das oficinas sendo marcado já para o final daquele mês.

O Núcleo de Dramaturgia teve continuidade em 2011, o mesmo acontecendo neste ano de 2012.

Desde o ano de 2011, iniciamos conversações com Anna Zétola para publicarmos as obras criadas pelos integrantes das oficinas de 2010. A conversa foi amadurecendo e em março deste ano em uma reunião em Ponta Grossa, com o Representante de Cultura da Região Campos Gerais do SESI – PR, Juliano Axt, efetivamente demos forma ao recíproco desejo da publicação dos textos, que seriam submetidos, logo em seguida, a uma curadoria do próprio SESI - PR, que selecionaria para a publicação, três textos dos participantes do Núcleo de Dramaturgia de 2010.

Chegou o grande momento e na VI Feira Municipal do Livro de União da Vitória, realizada em setembro de 2012, essa profícua e diria antológica parceria entre a Prefeitura Municipal de União da Vitória, por meio de sua Fundação de Cultura, com o SESI – PR, culminou na publicação do livro, tratando-se esta da primeira publicação literária, da Fundação de Cultura de União da Vitória.

Agradeço aos dirigentes do SESI – PR que confiaram no potencial artístico de União da Vitória. Agradeço àqueles que ministraram as oficinas, em 2010, Paulo Zwolinski, em 2011, Cynthia Becker e em 2012, Marcelo Bourscheid.

Agradeço de forma especial a Ana Paula Zétola, por ter apostado em União da Vitória, a Marcos Damaceno, e a esse extraordinário dramaturgo Roberto Alvin, hoje Coordenador do Núcleo no Paraná e que do alto de sua enciclopédica cultura, deixou seus afazeres de um dos maiores dramaturgos brasileiros, para vir proferir uma monumental fala aqui em União da Vitória. Agradeço também de forma especial ao gerente do SESI de União da Vitória, Ezimar Santos, pelo crédito depositado nesta Fundação de Cultura e que resultou em várias e profícias parcerias.

Agradeço a todos os que ao longo destes três anos participaram das oficinas do Núcleo de Dramaturgia, em especial a estes três jovens talentos que ora emprestam seu brilho na composição deste livro e que são Martina Fischer, Eduardo Wogiski e João Eduardo Côrrea.

Agradeço à minha equipe da Fundação, que me acompanhou e acompanha neste árduo, mas prazeroso fazer cultural e ao prefeito de União da Vitória, Carlos Alberto Jung, pela confiança.

Que esta publicação seja o marco inicial de muitas ainda por vir e que com ela União da Vitória, quem sabe possa ter dramaturgos reconhecidos, nacionalmente, por seu talento.

Delbrai Augusto Sá



# AÚltimaRosa

Juão Eduardo Lohse Corrêa



# Cena 1 | Homem e mulher

**Mulher:** Lindas seringas.

**Homem:** Elas fazem furos.

Furam a pele  
Penetram nas veias.

**Mulher:** Com suas agulhas afiadas.

**Homem:** Extremamente afiadas.

**Mulher:** Elas podem fazer um grande estrago.

**Mulher:** Sei como elas podem acabar.

**Homem:** Elas quem?

**Mulher:** As pessoas.

**Homem:** Como?

**Mulher:** Elas fazem grandes estragos.

**Homem:** Grandes estragos.

**Mulher:** Elas são tão frágeis.

*(homem observa foto de uma criança)*

**Homem:** É estranho olhar em seus olhos.

Eles me seguem.

Você lembra quando me conheceu?

**Mulher:** Você estava tirando fotos.

**Homem:** Foram várias.  
Suas.

**Mulher:** Você se apaixonou...

**Homem:** À primeira vista.

**Homem:** Você viu os exames?

**Mulher:** Sim, ela está pior.

**Homem:** Eu sonhei que ela estava curada.  
Mas quando eu abro os olhos ainda estou nesse pesadelo.

**Mulher:** Sonhos foram feitos para serem sonhados.  
E pesadelos para serem vividos.

**Homem:** Existe alguma chance?

**Mulher:** Existem nossas esperanças.

## Cena 2 | Homem e Menina

**Homem:** Você gosta de flores?

**Menina:** Sim, de rosas.

**Homem:** Sua mãe lhe mandou uma.

**Menina:** Gosto de Rosas.

**Homem:** Então serão rosas.

## Cena 3 | Homem e mulher

**Homem:** Ouço os gemidos das minhas lembranças,  
me arrasto na meia luz das memórias,  
como uma alma penada,  
no limbo dos meus sonhos velados.

**Mulher:** Aos poucos se esvai o meu espírito,  
meus dias se extinguem.  
Quero minha sepultura.

**Homem:** Ela pode sobreviver.

**Mulher:** Sobreviver?

**Homem:** Ontem ela estava soridente.

**Mulher:** Eu a ajudei a pentear os cabelos

**Homem:** Macios, escuros, enrolados.

**Mulher:** Minha princesa!

**Homem:** Nossa princesa!

**Mulher:** Passei a escova suave,  
Muito suave,  
Mas não adiantou.

Seu cabelo continua caindo.

**Homem:** Você já tentou prendê-los?

**Mulher:** Prendê-los?  
Nunca tentei.

**Homem:** Talvez resolva.

**Mulher:** Eu preferiria ver ela com piolhos.

**Homem:** Não seria bom ver ela toda arrumadinha e com piolhos?

**Mulher:** Ela vai estar gelada.

**Homem:** O que os parentes pensariam?

**Mulher:** Isso seria problema deles.

**Homem:** Você sabe o preço de caixões?

**Homem:** Ela é nossa filha, lembra?

**Mulher:** Lembrar?

**Homem:** Lembranças...

**Mulher:** O que os parentes pensariam!?

**Homem:** Ela não precisa de parentes...

**Mulher:** Minha mãe gostaria de vê-la...

**Homem:** Sua mãe não sabe o que diz.

**Mulher:** Minha mãe está morta.

## Cena 4 | Homem e Mulher

**Homem:** Você tomou seus remédios?

**Mulher:** Sim, eu gosto dos Azuis.

**Homem:** Azul é uma cor bonita.

**Mulher:** Eu tomo muito  
os azuis.

**Mulher:** Eu fiz um desenho.

**Homem:** É mesmo?

*(mulher mostra o braço furado com seringa)*

**Mulher:** É pra você.

**Homem:** Isso mata.

**Mulher:** Me ajuda a passar o tempo

**Mulher:** Quero vodka!

**Homem:** Você não pode beber, esta se tratando...

**Mulher:** Quero vodka!

**Homem:** Quer um cigarro?

**Mulher:** Claro!

*(pausa)*

**Homem:** Você pode me ouvir?

É evidente que não,  
Somente nos bons dias estive em seu coração.

Somente

Nos

Dias

Bons.

## Cena 5 | Homem e Mulher

**Homem:** Quando nossos sonhos se acabam,  
fica um vazio imenso,  
Uma vontade de desistir de tudo.  
De tudo.

**Mulher:** É um período difícil em que os dias,  
as horas e até os segundo são longos.  
São longos.

**Homem:** Falta vontade.  
**Mulher:** Falta motivação.

**Homem:** Nos fechamos para tudo e para todos,  
como se nada importasse,  
nada tivesse valor.

**Mulher:** Vamos nos destruindo pouco a pouco.

**Homem:** Porque será que muitas coisas que amamos chegam ao fim?

Acreditamos na felicidade eterna e muitas vezes,  
ela não passa de um pequeno tempo.  
Tempo suficiente para deixar uma saudade infinita.  
Infinita.  
Saudade.

*(mulher suicida-se)*

## Cena 6 | Senhora e Senhor

**Senhora:** Às vezes era como se não houvesse sentimento.  
Era como se eu fosse algo inerte.  
Tento encontrar motivos.  
Um final feliz.

**Senhor:** Mas seria justo um final feliz, quando todo o resto foi triste?

**Senhora:** Seria justo se esse sentimento dominasse apenas a mim?

**Senhor:** Que sentimento?

**Senhora:** Raiva.

**Senhora:** Ela poderia ter lutado.

**Senhor:** Ela não aguentaria ver a filha morta.

**Senhora:** E a filha aguentará ver a mãe morta?

**Senhor:** Tomara que sim!

**Senhora:** Acredito que não.

**Senhor:** E nosso filho, como vai ficar?

**Senhora:** Acabado!

**Senhor:** Definitivamente, acabado!

# Cena 7 | Homem e Senhor

## *Delírios*

**Homem:** Estou morrendo.  
Eles vêm de todos os lados.  
Estão me matando.  
Animais Miseráveis!

Gritando.  
Atacando como lobos esfomeados  
Lobos.  
Esfomeados.

Sou sua presa.

Parece não haver mais nada a fazer.  
Parece não haver para onde correr.

Na verdade estou cansado de correr.  
De fugir.  
Cansei de tudo.  
Estão todos mortos.

Todos.  
Mortos.

(*Senhor entra*)

**Senhor:** Você foi ao velório?

**Homem:** Não entrei, fiquei em frente.

**Senhor:** Você está bem?

**Homem:** Entrei no banheiro e ela estava deitada dentro da banheira.

Nua.  
Ensanguentada.  
Quentinha.

Como se tivesse saído de um banho.  
Um banho de sangue.

Ela respirava, estava com um leve sorriso liberto.

### *Silêncio*

**Senhor:** Eu te amei.

**Homem:** Chega, é tarde para conversarmos.

**Senhor:** Senti algo tocar meus lábios...

**Homem:** Chega, Laura.

**Senhor:** A banheira estava fria...  
Senti uma dor horrível,  
Que de repente se tornou num êxtase total.  
Me senti muito leve.

Ainda não entendo o que houve.

**Homem:** Tente recordar.

**Senhor:** Sinto uma dor em meus pulsos.  
Estão cortados.

**Homem:** Por que fez isso comigo?

**Senhor:** A dor é terrível!

**Senhor:** Tento recordar o que houve...

**Homem:** Você morreu.

**Senhor:** Mas ela está morrendo.  
Não fui forte, eu não aguentaria perdê-la.

Cortei meus pulsos.  
Cortei meus pulsos.

**Senhor:** Como ela está?

**Homem:** Extremamente triste.

**Senhor:** Ela é nova.

Deu a ela os remédios?

**Homem:** Os enfermeiros cuidam disso.  
E Você como está?

**Senhor:** Fria.

**Homem:** Eu a levei no cabeleireiro.  
Ela queria raspar a cabeça.

**Senhor:** Ela está perdendo os cabelos.  
Macios.  
Pretos  
Enrolados.

**Homem:** Perdeu o Brilho.

**Senhor:** Eu também perdi.

**Homem:** Eu preciso de você aqui comigo.

**Senhor:** Estou com você.

**Homem:** Estou com câncer.

**Homem:** De alma.

*Silêncio*

**Homem:** Sinto saudades dela, pai.

**Senhor:** Também sinto.

## Cena 8 | Senhora e Menina

**Senhora:** “Eu deito em todos os olhos  
De corações apodrecidos,  
Enquanto o vejo correr,  
Pequeno coelho branco.  
Tiros em seu relógio  
Sangue no seu pelo claro  
O nexo esquecido  
Basta um encontro  
E todo o mal será corrigido.”

**Menina:** Morrer dói, vovó?

**Senhora:** “Sou o agradecimento.  
Um coringa, uma ovelha negra  
Nos passos de Peter Pan  
Aliviado pelo sobrenome  
De um indigente morto:  
Não te conheci, papai,  
Mas serei jovem para sempre  
Como uma máscara.  
Minha feição transparecerá meu coração,  
Para sempre na terra do Nunca.”

**Senhora:** Morrer às vezes dói.

**Menina:** Minha morte vai doer?

**Senhora:** Vai doer em mim.

**Menina:** Que cor tem a morte?

**Senhora:** É escura.

**Menina:** Não quero escuro.

**Senhora:** Que cor você quer?

**Menina:** Quero branco.

**Senhora:** Então será branco.

**Senhora:** Depois de um tempo você aprende.

**Menina:** O quê?

**Senhora:** FICAR NO ESCURO.

## Cena 9 | Homem e senhor

**Homem:** Sangue Fraco

Uma criança iludida, Iludida pela vida  
Gripe, sarampo Rubéola desidratação e vômitos  
Aos 5, anemia profunda. Continuava linda, um pouco frágil,  
foi muita amada. Pesa-me na alma  
o seu sofrimento e dor  
Vejo a desgraça que se alimentou dela sem pudor  
Devorou seu olhar triste de criança  
Não teve esperança dum futuro melhor.

**Senhor:** Esgravatando as unhas

Enquanto elas caem  
Afastam o medo  
o corpo falha  
ainda é ela.  
Ela ainda é.

**Homem:** Sem cura

**Senhor:** Um monte de ossos e carne  
Um poço de sangue inquinado  
Duas pernas  
Dois braços  
coração gelado

Sua cabeça nua  
Amadurece os meios

Medos, receios

MEDO

**Homem:** Enquanto a pele cai  
armaduras crescem  
Ela  
Endurece  
Permanece

**Senhor:** Sem Vida

**Homem:** Sem Vida

**Senhor:** Causa da morte?

**Homem:** Leucemia

**Senhor:** Pobre criança.     está     Morta.

# Cena 10 | Senhora e Homem

**Senhora:** Morte?  
Completa vida.

Dor que nos cerca.  
Que nos corrompe.

Tortura sem fim.

Alma seca.  
Corpo sem vida.

Vida?  
Navalha cega.

Te corta milhares de vezes.  
sem pensar.

As brisas do inverno não vão mais voltar

*(entra homem)*

**Homem:** Você foi ao velório?

**Senhora:** Fui, mas não eu não quis vê-la.

**Homem:** Ela estava linda.

**Senhora:** Cor branca.  
Rosas vermelhas.

**Homem:** Ela gostava.

*Silêncio*

**Senhora:** Eu senti frio, mamãe.

**Homem:** Eu também senti, minha filha.

**Senhora:** Você disse que estaria lá.

**Homem:** Morrer é difícil,  
Mas eu estava do seu lado.

**Senhora:** A cada segundo que passava,  
Eu sentia as batidas do seu coração  
Eu sabia que você estava morrendo.

Seu egoísmo não deixava eu ajudá-la,  
agora não deixa eu ajudar a salvá-la.

**Homem:** Não temos os mesmos destinos.

**Senhora:** Você não devia ter se matado.

**Homem:** Você é o meu pequeno anjo.

**Senhora:** Vou me lembrar de você  
Das noites que sonhei com você.

Das noites que você não estava comigo  
Não estava comigo e eu chorava.

Desesperadamente.  
Por querer você do meu lado.

Não sei se vou conseguir te perdoar, mamãe.

**Homem:** A tua morte era inevitável.  
Mas eu sempre te amei.

Eu sabia daquela rosa.

Lembra da rosa?

A que você jogou enquanto eu passava.

Agora sem respirar,  
Sinto seu sangue no meu rosto  
Ele lava a minha alma a todo instante.

**Senhora:** É o preço que você tem a pagar.

**Homem:** Pelo quê?

**Senhora:** Por ter se matado.

**Homem:** Por se fraca.

*Silêncio*

**Homem:** Eu sinto saudades, Mãe.

**Senhora:** Eu também sinto, meu filho.

*(Homem sai)*

**Senhora:** Morte  
Fim da vida

Fim do amor  
Fim dos laços  
Fim dos fins

Agora Não haverá dor  
Não haverá Infelicidade  
Pois  
Não haverá mais sonhos

Só haverá um novo começo

Uma nova chance

Mas não para nós  
Não para lembranças

Só para os mortos

E os que vivem, esses estão perdidos.

**Fim.**



**João Eduardo Lohse Corrêa** nasceu em Porto União-SC no dia 1 de novembro de 1992. Estudou no Colégio Estadual Túlio de França de União da Vitória. Envolvido com artes cênicas e apresentações artísticas, desenvolveu peças e monólogos. Em 2010 entrou na Companhia de Teatro Estação de União da Vitória-PR, interpretou alguns personagens como Walter em “O Terno” e Escrooge no musical “Escrooge” entre outros. Também faz parte da Oficina Regular Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná onde escreveu a peça “A Ultima Rosa” em 2010.

Em 2011 Passou a coordenar a Companhia de Teatro Estação dirigindo espetáculos como “Os Saltimbancos” de Chico Buarque, “O mundo de Jack” uma adaptação do conto de natal de Tim Burton e desenvolveu outros trabalhos. Nesse mesmo ano escreveu a peça “Circus”, também no Núcleo de Dramaturgia.

João Eduardo continua dirigindo, interpretando e escrevendo peças, sempre atualizado ao teatro contemporâneo, nas tendências culturais e atuando com personalidade e dedicação.

# **Fractal**

Martina Sohn Fischer



**Personagens:**

Mãe

Pai

Filha

Homem embriagado

Alguém

# Prólogo

Tum      Tum      Tum  
Suorsuor

Tímpanos estourando  
Ritmo entranhando nas entranhas

Estranho é não saber se o fim é o começo

É só que sabemos tão pouco da eternidade  
É só que sabemos tão pouco de tudo  
O fim é o fim  
E o fim  
É o começo

# Cena 1

**Mãe :**

Abri a porta do guarda-roupa  
Abri a porta que raramente abria  
Abri a porta e aquele cheiro de naftalina congelou meus olhos  
Inchados  
Cansados  
Fechados

Encarei aquelas roupas antigas  
Cheias de pó  
Cheias de mofo  
Fechei os olhos

Respirei  
Respirei toda aquela poeira  
Toda aquela nafta  
Respirei  
Tirei o vestido  
Preto  
Tirei o vestido preto do cabide  
Deitei o vestido preto na cama intocada  
Na cama de pessoa insone  
Na cama limpa e arrumada  
De pessoa insone

Que vestido terrível, pensei  
Velho e terrível  
Mas o único vestido preto do guarda-roupa

*(pausa)*

O vestido preto cobrindo meu corpo  
Meu corpo cheirando a nafta  
Meu corpo cansado  
Inchado  
Insone  
Com o vestido preto caminhei  
Caminhei até onde tinha que caminhar  
Com aquele vestido terrível  
Preto  
Eu suava  
Frio  
Suava frio  
Suava

*(longa pausa)*

Suada  
Cansada  
Inchada  
Insone  
Eu encarei as flores falsas as pessoas tortas  
E no centro de tudo  
Encarei aquele rosto gelado as mãos entrelaçadas os pés  
cobertos de flores  
Flores brancas como as mãos  
Branca  
As mãos que minhas mãos agora tocavam  
Minhas mãos vivas segurando mãos geladas mãos mortas  
mãos entrelaçadas  
Branca  
Ali onde ela repousava era um caixote simples de madeira  
esculpida envernizada cor escura Provavelmente de tamanho  
médio preço médio conforto médio mas de que adianta agora  
não Consigo ver os desenhos esculpidos no caixote de  
madeira simples  
Verniz e madeira

Simples  
Será enterrado  
Lacrado  
Esquecido  
Corroído pelo tempo  
Cupins  
Vermes

E o túmulo de mármore caro gelado resistirá ao tempo aos  
vermes  
Ao tempo  
E o túmulo será vermelho vivo  
Vermelho  
Vivo  
Protegendo o que apodrece por dentro  
Lá dentro  
No caixote  
Tão simples  
E penetrável

Que dor  
Dor  
Dói  
Aqui  
Bem aqui  
Debaixo desse vestido terrível  
Preto sujo de nafta  
Sujo do tempo

Poderia ter ficado naquele lugar do armário que eu raramente  
abria  
Naquela portinha inútil com roupas cheias de naftalina  
Que eu raramente usava  
Por mim o tempo foderia ele inteiro  
Mas não deu tempo do tempo foder com o vestido  
O tempo adiantou-se

E me obrigou a vestir o vestido preto  
O tempo adiantou-se  
E a filha adiantou-se da mãe  
Mãe e tempo ficaram olhando a filha foder com a ordem das coisas  
Mãe vestindo o vestido preto meio fodido antes do tempo  
Olhando a filha foder com a ordem de tudo

Quando vesti o vestido preto vesti a desordem junto  
Mãe veste vestido preto meio fodido e vê a filha morta

D e s o r d e m

## Cena 2

**Filha:** Minha corrente de prata  
Tem gosto de Sangue

**Homem embriagado:** O que foi que você falou?

**Filha:** Minha corrente de prata  
Essa corrente  
(*tira a corrente do pescoço e mostra ao Homem embriagado*)  
Tá com gosto de Sangue  
Sangue

**Homem embriagado:**  
Deixa eu ver  
(*Pega a corrente da mão da Filha, lambe a corrente lentamente depois chupa*)

(*Filha encara o Homem embriagado*  
*Filha espera*)

**Homem embriagado:**  
Tem gosto de perfume  
O teu perfume  
Você passa perfume demais  
(*Diz lambendo a corrente*)  
Delícia de perfume

**Filha:** Que porra de perfume  
Tu é louco  
É sangue

**Homem embriagado:**

Delícia de sangue  
Que seja  
Você deveria ir  
Pra casa *(devolve a corrente para a Filha)*

**Filha:** Eu sempre fico até mais tarde  
Ainda é cedo  
Não vou  
*(Veste a corrente)*

**Homem Embriagado:**

Eu vou continuar  
Bebendo

**Filha:** Me dá um pouco do que tu tá  
Bebendo

**Homem embriagado:**

Eu vou continuar bebendo  
Fingindo  
Que você foi embora  
Vou continuar  
Bebendo  
Fingindo

*(Filha abre a geladeira  
Geladeira cheia de bebidas  
Nenhuma comida  
Ela escolhe a cerveja)*

## Cena 3

**Pai:**

Achei o túmulo bonito  
Vermelho Vivo  
Ela iria gostar

**Mãe:**

Ela gostava muito  
De vermelho  
Vivo  
Viva

**Pai:** Ficou bonito

**Mãe:** Você já disse isso

**Pai:** Disse que

**Mãe:**

Que nossa filha  
Tá morta

**Pai:** Isso você também

Já sabe

**Mãe:** Quero ouvir de você

**Pai:** Nossa filha tá morta

*(Silêncio)*

**Mãe:** Agora fale o porquê

*(Pausa)*

Fale

**Pai:** Como se

Eu soubesse

**Mãe:** Não gosto do jeito que as pessoas  
Tentam  
Adivinhar os motivos  
Na minha frente

**Pai:** Você pergunta  
Pra todo mundo  
Todo  
Mundo  
Pergunta  
Você pergunta

**Mãe:** Eu sou  
A Mãe

**Pai:**  
Pai

*(Mãe e Pai falam ao mesmo tempo)*

: Filha

## Cena 4

**Alguém:** Você comeu ela?

**Homem embriagado:**

Quem?

**Alguém:** A menina

A menina que se matou

*(Silêncio)*

**Homem embriagado:**

Comi

*(Pausa)*

**Alguém:** Foda de fim de semana?

**Homem embriagado:** É

**Alguém:** Você sabe

Por que ela fez isso?

**Homem embriagado:** Não

**Alguém:** Deveria saber

**Homem embriagado:** Eu não

Sei

**Alguém:** Era só uma foda então

De fim de semana mesmo

**Homem embriagado:** Uma boa  
Foda de fim de semana

*(Pausa, Homem embriagado levanta, respiração ofegante,  
sutil)*

**Alguém:** Quantos anos ela tinha afinal?

**Homem embriagado:**  
Eu não sei

**Alguém:** Puta merda!  
Tu nem conhecia  
A menina  
Só comia.

*(Silêncio, Homem embriagado se senta)*

**Homem embriagado:** A gente conversava  
Mas era diferente  
Não sobre coisas triviais  
Diferentes

**Alguém:** E o nome  
Dela?

**Homem embriagado:**  
Ela mentia

# Cena 5

**Mãe:**

Imagino o veneno  
Descendo pela garganta  
Apertando as entranhas  
Queimando as veias  
Matando  
Matando aos  
Poucos  
Quase comicamente

Uma  
Piada  
De dor  
  
Dor  
  
Dói

# Cena 6

## **Homem embriagado:**

Ela tinha um cheiro  
De mulher  
Como todas as outras  
Sempre  
Diferente  
De todas as  
Outras

Mãos apertando nuca quadril seios mãos puxando cabelos  
lençóis mãos tocando lábios corpos  
Suando medo

## Cena 7

**Pai:**

Os banheiros da casa são feitos de concreto  
O resto de madeira  
Podre  
Concreto e mofo  
Cupim e madeira

Podrepodrepodre

Eu  
Sou  
Podre

Apodrecer

Com

Mofo. Cupim.  
Madeira. Concreto.

## Cena 8

**Mãe:** Você não sabia de nada

**Pai:** Você não sabia de nada

**Mãe:** Ela sentia a dor

**Pai:** Do mundo

**Mãe:** E não só

**Pai:** A dela

*(Longa pausa)*

**Pai:** Esmaecendo

Aos poucos

**Mãe:** Até ficar vazia

**Pai:** Cheia demais

Cheia de tudo

**Mãe:** Se apegava aos detalhes

**Pai:** detalhes

**Mãe:** Pessoas

**Pai:** Não a mim

**Mãe:** Não diga isso

**Pai:** E nem a ti

**Mãe:** Não diga isso

*(Pausa)*

**Mãe:** Eu quis me aproximar

**Pai:** Muito

**Mãe:** Eu não sabia  
De  
Nada

**Pai:**  
Nada

(Mãe e pai se abraçam)

# Cena 9

**Filha:**

Cheiro de chuva na calçada  
Quente

Empoeirada  
Coisas antigas

Cheiro de páginas  
Envelhecidas

O salgado da pele  
Sauda  
Corpo cansado

*(Pausa)*

Da vida ao veneno  
Do veneno à morte  
Da morte  
Ao veneno  
Do veneno  
À vida

## Cena 10

**Homem embriagado:** Foi semana passada  
A última vez que nos vimos  
Foi semana passada

**Alguém:** por que tá me contando isso?

**Homem embriagado:** Por que preciso contar  
Pra alguém

**Alguém:** Contar que

**Homem embriagado:** Ela era mais  
Mais do que uma foda de fim de semana

*(Longa pausa)*

**Alguém:** Ela tá morta

**Homem embriagado:** Eu estive com ela  
Foi semana passada  
Foi a última vez

**Alguém:** ela tá morta

**Homem embriagado:** A gente transou  
Ela não falou quase nada  
Chorou  
E foi embora

**Alguém:** Tu achou que era coisa de menina

**Homem embriagado:** Ela era mais

Mais do que nós eu ela nós poderíamos suportar  
Ela estava inundada de coisas  
Coisas demais  
Pra mim era mais  
Eu ela nós

Ela tá morta  
(*Homem embriagado ri*)

(*Pausa*)

**Homem embriagado:** Podia ser coisa de menina  
O choro

(*Pausa longa*)

**Alguém:** Você vai hoje?

**Homem embriagado:** Onde?

**Alguém:** No velório

**Homem embriagado:**  
Quero ficar com a imagem dela de semana passada

**Alguém:** Chorando

**Homem embriagado:**  
Chorando e dizendo adeus  
Com ar nos pulmões

# Cena 11

*(Mãe fala com Pai ausente)*

**Mãe:**

Hoje eu fui naquele restaurante  
Sentei sozinha  
Sozinha no seu restaurante preferido  
Comi a comida que você mais gosta  
Tomei a melhor cerveja que eles tinham  
Aquela que você gosta  
Paguei em dinheiro  
O meu dinheiro  
Fui embora de ônibus  
No ônibus cheio de pessoas sozinhas  
Entre todas elas  
Eu  
Não parecia tão sozinha

Na cama fria e limpa  
Eu deitei  
Sozinha

Gostava quando ela era quente  
E  
Suja  
Suja de você  
De mim  
Juntos

# Cena 12

## **Filha:**

Eu tava deitada e comecei a sentir as minhas duas pernas  
sendo  
Uma só  
Logo elas voltaram  
Sendo duas  
Fiquei puta

## **Homem embriagado:**

Meu rosto derrete, escorre derretendo-se  
Como uma máscara de cera, ele derrete entre meus dedos  
que tentam segurá-lo  
Ele derrete  
Entre meus dedos que queimam, ele derrete e escorre até  
meus pés  
Meus pés pisam no meu rosto derretido, agora desfigurado  
Meu rosto de cera  
Agora desfigurado

## **Filha:**

O eco do mundo  
O eco infinito desse mundo de merda  
Aquele barulho agudo que perfura seus ouvidos tarde da noite  
Esse é o eco de tudo  
O eco da merda toda ecoando dentro da sua cabeça

São as pessoas  
Pessoas que esquecemos de conhecer  
Esse ruído afogando todo o mundo  
O ranger dos ossos

Queimamos casas

Queimamos o lembrar  
Lembrar de conhecer pessoas  
Esquecendo de tudo

Estáticos  
Táticos  
Práticos

*(Pausa)*

O mato cresce na frente do portão  
Ninguém entra  
Ninguém sai  
Alguém vê  
Ninguém faz nada  
O mato cresce amargamente na frente do portão

*(Pausa)*

Essa família  
Que não é mais tão  
Minha

E o mato cresce neles  
Ninguém entra  
Ninguém sai

Uma família que não é mais  
Minha

*(Silêncio)*

**Homem embriagado:** Sinto cheiro de coisas que não estão  
aqui

**Filha:** Eu tô aqui

**Homem embriagado:** Não sinto o seu cheiro

**Filha:** Eu tô aqui

*(Homem embriagado toca o rosto da Filha, segura seus pulsos, aperta sua garganta, beija seus olhos)*

**Homem embriagado:** Você tá aqui

## Cena 13

**Pai:**

Eu sempre achei que as plantas respirassem fundo de alívio  
quando as frescas chuvas de verão umedeciam seus sulcos,  
sua terra, raízes, sementes

Eu sempre achei que as chuvas de verão lavassem o  
suor ardido, salgado, maldito, maldito Malditos dos árduos  
trabalhadores e suas mulheres, filhos, amantes, amores,  
dores

O que é que você pensa de mim?  
(Pausa)

O que é que pensam de mim?  
(Pausa longa)

O que é que eu penso de mim?  
(Pausa)

Nada  
Nada  
Nada

Só chuva.  
Chove  
Chove  
Chove

Roupas no varal  
secando  
vidas

## Cena 14

**Homem embriagado:** Eu nunca quis te machucar

(Pausa)

**Homem embriagado:** Eu nunca quis

(*Filha abraça o Homem embriagado e aperta suas costas nuas, com as unhas faz sangrar*)

**Filha:** Eu nunca quis te machucar

(*Homem embriagado beija suavemente os lábios da Filha, morde-os, com os dentes faz sangrar*)

**Homem embriagado:** Eu te amo, minha menina

(Pausa)

(*das costas do Homem embriagado o sangue escorre. Dos lábios da Filha o sangue escorre*)

**Filha:** A gente ama e sangra

Sangra e Ama

Amar é sangrar pelo outro, por nós mesmos

Amor é sangue e escorre da gente

# Cena 15

*(Filha fala pra Mãe)*

**Filha:**

Tenho vontade de falar coisas sujas Realmente sujas  
Você não agüentaria ouvir saberia que essas coisas sujas  
são a respeito de mim de você do seu pai sua mãe Sua mãe  
Você Coisas sujas sobre a porra do mundo inteiro E você não  
aguentaria ouvir Seus ouvidos iriam sangrar Sujos Seus olhos  
iriam se fechar Você iria fugir das minhas palavras sujas das  
coisas sujas Da nossa verdade Da nossa sujeira Oceanos  
de sujeira boiando você está mergulhando na sujeira sem  
respirar afundando e fugindo fugindo do real Do sujo

Estamos nos afogando na sujeira  
Estamos nos afogando na merda  
Na própria merda

Merda

# Cena 16

**Filha:**

Calor

Calor Coloco minhas mãos sobre o meu estômago Aperto minhas mãos contra meu estômago Sinto calor Minha pele esquenta com o ritmo dos órgãos , do meu sangue, quente e vermelho Órgãos vivos, me fazem viva Aperto minhas mãos contra meus olhos Eles estão úmidos e gelados Eles sentem o medo que vem de dentro, sou transparente, consigo ver o lado de dentro Não consigo me ver no espelho

Quem sou eu?

Sou pele sangue carne  
Sou um animal  
Pensamos mais  
mas nem tanto assim

Quem sou eu?

Sou pele sangue carne  
Sou um animal

Deixe eu beber o veneno que a vida me dá  
Deixe eu morrer, todos os dias De novo e de novo  
bebendo o veneno que a vida me dá  
Todos os dias

De novo e de novo

Sou você

Sou Eu

Quem somos nós?

Somos deus

*(Pausa)*

Um deus hipócrita

Feito de

pele

Sangue

Carne

Um animal

Sou deus?

Deuses

Entre o nada e merda nenhuma

Ficamos então

Estáticos

Táticos

Práticos

## Cena 17

*(Filha arranca as entranhas para o Homem embriagado)*

Eu queria sentir o gosto do efêmero  
Da sua boca  
O teu cheiro  
Na minha pele  
O teu corpo  
Dentro do meu

Beber da sua saliva  
Encha-me de você  
Encher-me com você

Tuas palavras fazem pouco  
Para mim  
Para ti  
O silêncio  
E o gozo  
Da vida  
Nossa vida  
Vida

Minha vida  
Já não é mais tão minha  
É sua  
É nossa  
Vida

*(pausa longa)*

*(Filha guarda as entranhas para si)*

é a água que mata a minha sede

*(Pausa)*

Sinto aquela fome que dá e não passa  
Quando meu próprio corpo começa a me devorar, de dentro  
pra fora  
A fome não passa  
A sede não passa  
A vida não passa  
eu morro de dentro pra fora  
De ponta cabeça  
Pelas paredes meu suor escorre  
Meus pulsos ardem em desespero  
A fome não passa  
Minhas entranhas devoram umas as outras  
A fome não passa Eu sinto A fome não passa  
Mastigando meus dedos  
sinto os dentes raspando nos ossos  
dedos caindo  
  
A fome não passa

## Cena 18

**Homem embriagado:**

Enterrar-se e comer as minhocas

Foda-se

Viver é lamber seus pés com a sujeira que ele carrega

Viver é nada mais do que arrancar as pálpebras

E deixar a luz cegar

Não seríamos nada sem os porcos e as pérolas

O que você espera de nós?

Nós nós nós

Tu sentes a amarga dor de nós?

Somos aquilo que desejos não deixam ser

E é tão belo

E é tão sujo

E é tão

Eu

Tão

Você

nós

Aperte meus pulmões

Aperte

Minhas unhas já não crescem mais

Meu corpo escorre um líquido chamado vida

E agora

Os vermes devoram minha comida

Os vermes devoram meu rosto

Os vermes devoram tudo

E nascem disso

Mais vermes  
Sou um ser que veio  
Que foi  
Que vai  
Acabar aqui

## Cena 19

**Filha:**

Liguei o som  
Escovei os dentes várias vezes  
Tomei o banho mais quente de todos  
Depois  
Tomei o banho mais frio de todos  
Ouvindo aquelas batidas marcadas  
Pá pá pá pá pá pá pá  
A voz chapada  
Tum Tum Tum  
Esse era meu coração  
Dançando dançando dançando

Joy division enchia meu corpo nu de batidas e vozes  
e ritmos e sustos e batidas e notas e ordenadas e palavras e  
cordas e me enchia de todos os lados e do banheiro suado e  
meu corpo cansado e eu dançava e o som e batidas e vozes  
e cordas e ritmos e eu dançava e eu suava e eu cansava e eu  
ria e eles tocavam e eles tocavam pra mim  
tocavam  
Pra mim

Tum Tum Tum  
Pá pá pá pá pá pá pá

E a música acabou

A música chegou ao fim

Ao  
fim

pá  
tum  
pá  
tum

pá  
tum  
pá  
tum  
pá  
tum  
pá  
tum

pá

tum

Tum

TUM

---

(dead souls – joy division)

# Epílogo

**Filha:**

Eu tô aqui

O vazio aos poucos sumindo  
O primeiro passo  
As primeiras linhas sendo escritas  
Esse ar limpo aos poucos sendo poluído

Você tá aí

Me esperando  
Esperando tudo começar  
O vazio também está sumindo aos poucos pra você  
Pra mim  
Juntos estamos  
Esperando  
O início de tudo  
Outra vez

**Homem embriagado:**

Eu tô aqui

Tenho um copo de bebida preso nos meus dedos  
Nos meus anseios  
Esse vazio que já não é tão vazio

Você tá aí

Me esperando  
Outra vez  
Para começar tudo de novo  
Do fim ao início

E você me espera  
E você se aproxima  
Agora

Passos lentos  
apagando o vazio  
Entre nós  
Você chega mais perto  
Quebrando o vazio  
Entre nós  
Marcando o fim e o início  
De nós  
Agora

*(Pausa longa)*

**Mãe:**

Me deixaram lá  
Naquela espera

Fiquei esperando

Ainda olhando para trás  
Esperando  
A vida voltar e me tirar de lá

Ninguém me tirou daquela espera

Eu sento  
E espero  
Há tempos  
Estou lá  
Nem sei mais onde essa espera começa ou termina  
Vou ficar lá

Esperando a vida voltar  
A filha voltar  
O pai voltar  
A mãe voltar  
  
tudo voltar  
Voltando a ser como antes

*(Longa pausa)*

**Pai:**

Eu estou aqui  
Deixei ela lá  
E continuei

Um pé depois do outro  
Como me ensinaram  
E eu caminhei  
Por tempos e tempos  
Por desertos e desertos  
Caminhei  
Um pé depois do outro  
Com toda a paciência  
Que me ensinaram

Eu deixei ela lá  
E caminhei  
E o tempo passou  
E os desertos passaram  
E eu estou aqui

Caminhando  
Deixando ela  
Cada vez mais longe  
Assim como a outra  
Que caminhou para longe de mim

Me deixando caminhar sozinho

Sem fechar meus olhos  
Deixando a chuva ácida corroer minha pele  
Caminhando para longe  
Delas

Cada vez mais longe

delas



**Martina Sohn Fischer**, nascida em União da Vitória, Paraná - Brasil, em 17 de junho de 1993, teve seu primeiro contato com o Núcleo de Dramaturgia no ano de 2010, por iniciativa de Delbrai Augusto Sá que levou o projeto do SESI para a fundação de cultura de União da Vitória, que foi ministrado por Paulo Zwolinski. No ano seguinte mudou-se para Curitiba com o objetivo de dar continuidade ao seu estudo dramatúrgico, desta vez orientado por Roberto Alvim. Durante este período escreveu cinco peças: "Fractal", "A casa de inverno", "Estouros báquicos e gengivas", "Buco" e "Aqui".

# **Mente**Esquizofrênica

Eduardo Rafael



# Personagens

Matheus

André

Marcos

Alfredo

Alfredo off

# Cena1

Esquizofrenia. Dentro de uma sala, correntes da doença mental na porta do cérebro. Fobia social pelo chão em um tom de humilhação. Cadáver aberto do queixo ao umbigo pendurado numa força feita de cordão umbilical, ao lado oposto da porta do cérebro, cortina de sangue na parede do fundo, sangue que não para de escorrer.

**Alfredo off:** Pais que por seus medos de uma sociedade preconceituosa com tal foram de dor,  
Poucos segundos correm aos marginalizados pela tal, pais por que me abandonaram  
Os anos que vivi foi dor, a mesma água que tocava meu rosto, me condenava.  
Água que lava toda dor, não me deixe levar toda culpa, meus pais, culpa, também

**[Marcos:** Lave outra vez, ainda está imunda! Essas eram as palavras, não importava quantas vezes eu lavasse, para minha mãe minhas mãos sempre estavam sujas. Domingo, dia de igreja, lavei, lavei, quanto mais lavava minhas mãos mais necessidade de lavar e tirar toda a sujeira que não tinha, dor ardia, lágrima.

**André:** Transtorno obsessivo compulsivo, apenas 12 anos, sentia meu corpo todo sujo, meu rosto ardia, mas estava sujo, desespero de não poder me lavar. Dor. Esfreguei com uma escova várias vezes, quanto mais esfregava, ardia em lágrimas, esfregava dor, esfregava, sangue, surto, desmaiava. Cada dia mais num mundo sem volta. Isolado. Cada dia mais num mundo sem volta. Isolado.

**Matheus:** Afefobia. Desenvolveu aos 15 anos, música, violão, depressão, alucinação, violão em pedaços. Pessoas, muitas pessoas, desespero, repulsa ao toque dos outros. Medo paralisante, quando tocado, angústia, pânico, pais preocupados. Uso temporário de medicamentos para tentar amenizar a ansiedade, psicólogo nada, nada, nada, nada. Cada dia mais num mundo sem volta, isolado. Cada dia mais num mundo sem volta, isolado.

## Cena2

**Alfredo off:** Tensão sem palavras para expressar o que a razão do mundo esconde.

Sou a dor dos que choram de barriga cheia por serem perfeitos.

Junto com a doença que me toma sem pedir licença.

**Marcos:** Fobia social, 18 anos, infeliz, sofrimento, tenho medo de conviver com pessoas. Sempre acho que vão-me fazer algum mal, assédio moral e sexual, horrível. Nunca parei em nenhum trabalho, tinha muitas crises, acabei desistindo de viver. Meus relacionamentos pessoais e profissionais horríveis, medo, pessoas, medo, constrangimento, medo humilhação, medo.

**André:** Esquizofrenia, 23 anos. Levou alguns anos para chegar à minha mente, semanas à retina e dias para romper

o silêncio dos meus ouvidos na infância ainda sutil. Na adolescência mexeu com minhas estruturas, mas foi na juventude que arrebatou todos os sentidos, numa doença mental sem volta. Cigarro, depressão, alucinações, bebida, vozes, sensações, perseguição, cérebro, suicídio, tentativa, complexo desconhecido, já estava num mundo sem volta, isolado, já estava num mundo sem volta, isolado

## Cena3

Cadáver exposto no lado esquerdo do palco deixa à mostra suas entranhas, pedaços de seus órgãos ao chão. Causa impacto.

**Matheus:** Medo vai tomado conta

**André:** Nunca pensei

**Matheus:** Ele sempre pareceu ser tão quieto

**André:** Os quietos é que são os piores

**Matheus:** Você mesmo viu as portas

**André:** Muito bem trancadas

**Matheus:** Dutos de ventilação

**André:** Bem trancados

Em cena entram ratos que devoram partes do cadáver exposto. Adolescência nem sempre é fácil, sinto-me como ratos, andando à procura de comida, sociedade me devora por não ser um rato.

**Matheus:** Tenho medo da morte

**Marcos:** Não posso morrer

**Matheus:** Ele vai te matar

**Marcos:** Sinto meu corpo

**Matheus:** Arrepio espinha

**Marcos:** Coração, ritmo, descontrolado

**Matheus:** Suando frio

**Marcos:** Lágrimas nos olhos

**Matheus:** Adrenalina?

**Marcos:** Sim, medo dele

**Matheus:** Cama de Gato?

**Marcos:** Sinto-me manipulado

**Matheus:** Por quem?

**Marcos:** Ele era manipulado

**Matheus:** Por quem?

**Marcos:** Eu, você, ele

## Cena4

Agora, em cena, jorra sangue puro no palco, personagens banhados em sangue.

O cadáver agora em pleno estado de decomposição.

**Marcos:** Sinto aqui ele.

**André:** E se for um ex-presidiário?

**Marcos:** Pode estar nos observando.

**André:** E se for um ex-presidiário?

**Marcos:** Pelas câmeras de segurança.

**André:** Não grite comigo.

**Marcos:** Aqui todos têm culpa.

**André:** Você o maltratava.

**Marcos:** Aqui todos têm culpa.

Cena de desespero, tensão sem palavras para expressar o que a razão do mundo esconde: Sou a dor dos que choram de barriga cheia por ser perfeitos, eu junto com a doença, que

me toma sem pedir licença.

**André:** Ele quer se vingar por tudo que

**Matheus:** fizemos muita

**André:** maldade, chamar de

**Matheus:** ladrão, é muito forte quando se é

**André:** inocente, é o oposto de

**Matheus:** você o julgou

**André:** culpado, você é tanto quanto

**Mateus:** eu só tenho

**André:** receio que esse seja o

**Matheus:** motivo de toda essa tensão

**Matheus:** Por que você está chorando?

**Marcos:** Lembrei há pouco.

**Matheus:** Lembrou o quê?

**Marcos:** Nos últimos dias o tratei mal.

**Matheus:** Isso, eu fiz.

**Marcos:** Quando cheguei não o vi.

**Matheus:** Será ele mesmo?

**Marcos:** Sinto que

**Matheus:** Não estamos sozinhos nesta sala

**Marcos:** Ele está aqui.

**Matheus:** Assassino.

**Marcos:** Acho que não

**Matheus:** Tem medo?

**Marcos:** De morrer

**Matheus:** Sim.

**Marcos:** Não.

**Matheus:** Não.

**Marcos:** Você?

**Matheus:** Sim.

## Cena5

Música que, aos poucos, entra em cena, coração do cadáver exposto.

**Alfredo off:** Adolescência nem sempre é fácil  
Sinto-me como ratos andando à procura de  
comida  
Sociedade me devora por não ser um rato  
Imagino olhar de mãe  
Imagino semblante de pai  
Cadáver já passou por minutos de dor antes de  
sua morte  
E causou horas, dias e meses de angústia  
a seus familiares agora.  
“Aqui jaz alguém que outrora o mundo  
esqueceu”

**Alfredo:** No fundo da cena surge um novo sete  
Represa

Segura toda água

Água de destruição

Água de desespero... . . . Recomeço

Muita água prestes a tomar toda a plateia num oceano  
de lágrimas sem fim, um toque, um simples toque para  
arrebentar...

Represa

Pedra

Retirada

Natureza

Toque

**Desgraça...**

## Cena6

(Todos os personagens falam as palavras aleatoriamente, menos Alfredo que faz o desfecho do ato falando seu nome)



# ALFREDO

Alfredo: Áqua da vida... ...Fim áqua da morte

Silêncio profundo... ...profundo oceano

Tudo  
Tomado  
Enfim  
Ó o som  
Da culpa  
Sobre o chão  
Água boia

No rio  
Vermelho  
Inocente  
Cadáver  
Contato com  
Água  
Muito  
Tempo...

**...Esquecido**

## Cena7

**Marcos:** Sinto a respiração.

**André:** Mas estou longe de você.

**Marcos:** A respiração dele.

**Matheus:** Você está aqui

**André:** Não grite, quieto!

**Marcos:** Vou gritar, sim.

**Matheus:** Quem é ele, um nada, eu tenho dinheiro.

**André:** Não grite, pense na sua família, na sua esposa.

**Matheus:** Não tenho medo da morte.

**Marcos:** Mas ele está certo, pense na sua família.

**Matheus:** Só que estou cansado, estamos há muito tempo trancados aqui nesta sala, não sei o que pensar, talvez minha própria família que colocou aqui, não sei mais o que pensar.

**Alfredo:** Por que...      Quem são vocês? O que querem

comigo?

Doendo

## Forte

## Cortar

## Pulsos...

...Vocês não gostam de mim.

**Marcos:** O espelho tem ferrugem, sozinho na podridão.

André: Você está sozinho.

**Alfredo:** Não Sinto minhas mãos.

**André:** Você não sente suas mãos porque eu as cortei

**Alfredo:** Por que? Valerá a pena sofrer assim?

**Matheus:** Esqueça, rapaz, não tem mais nada a fazer, seu mundo ruiu.

**Marcos:** Por que se perturbas, rapaz? Desiste, agora, você não tem nada.

**Alfredo:** Por que...

Quem são vocês, querem minha vida

## Corpo

## Sangue

Umbilical

Sorte...

...Sinto como se vocês estivessem dentro da minha cabeça

**Marcos:** Você!

**Alfredo:** Dor, lança atravessando minhas entranhas, chega!

**Matheus:** Você!

**Alfredo:** Vocês apagaram a luz, não vejo nada, agora.

**André:** Você!

**Alfredo:** Eu pensei que todos vocês fossem meus amigos.

**Matheus/Marcos/André:** Não sou amigo...

...VOCÊ!

## Cena8

**André:** Ameniza minha tristeza, aperta o coração, o sangue  
agora se mistura com as lágrimas de dor dos familiares  
daqueles que sentem essa sina na pele

**Marcos:** O fim sempre é a morte para quem sofre de dores  
profundas, dores de pais, dores de filhos, dores de estranhos  
por quem nunca vimos antes na vida, mas sempre choramos.

**Matheus:** Chore por mim, enquanto viver chore por mim,  
depois que morrer, não importa o dia, mas chore antes que  
veja meu corpo no palco da vida exposto.

**Alfredo:** inocência, realidade, frágil, psicose mais forte  
na neurose, perco-me em uma linha sem fim ao longo da  
jornada terrena, o cadáver pendurado na força feita de cordão  
umbilical se revela em apenas psicose esquizofrênica.

Alfredo

Tremendo

Sobe

Banco

Forca

Umbilical

Dor

Sofrimento

Desespero

Banco

Vira

Agonia

Falta

Ar

Reação

Luz

CRIANÇA

**RECOMEÇO.**



**Eduardo Rafael Woginski** nasceu em União da Vitória no dia 20 de agosto de 1990. Formou-se no Colégio Estadual São Cristóvão, onde descobriu o gosto pelas artes, teatro e musica, nesta mesma instituição desenvolveu seu primeiro trabalho artístico, montou sua primeira peça sendo um trabalho solo chamado “A vida e suas mascaras” que foi apresentada em escolas e instituições. Começou a trabalhar na Fundação de Cultura de União da Vitória desenvolveu grandes trabalhos juntamente com o grupo, tais como: “Olhos de amor”, “ O terno tanto faz como tanto fez” de Sylvia Plath, “O musical de Charles Inks” que foi lançado em monólogo e depois transformado em musical. Atualmente dirige a companhia de teatro RV ( Restaurando Vidas) os quais foram apresentadas as peças: “Aqui Jaz Freud”, “vidas”, “O encontro”, e a comédia “ 2 de novembro” apresentadas em eventos em outras cidades. Futuramente pretende seguir com as peças em trabalho missionário, levando o amor de Deus através do Teatro e a Musica, restaurando vidas através da Arte.

SESI PR - SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA  
Departamento Regional do Paraná

PRESIDENTE DA FIEP E DIRETOR GERAL DO SESI PARANÁ  
Edson Luiz Campagnolo

DIRETOR SUPERINTENDENTE DO SESI PARANÁ  
José Antonio Fares

GERÊNCIA DE PROJETOS DE ARTICULAÇÃO ESTRATÉGICA  
Maria Cristhina de Souza Rocha

GERÊNCIA DE CULTURA  
Anna Paula Zetola  
Janaina Coelho Adão | Juliano Axt

GERÊNCIA DE UNIDADE – SESI UNIÃO DA VITÓRIA  
Ezimar Santos

PREFEITO MUNICIPAL DE UNIÃO DA VITÓRIA  
Carlos Alberto Jung

DIRETOR PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE  
UNIÃO DA VITÓRIA  
Delbrai Augusto Sá

DIRETORA CULTURAL DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA DE  
UNIÃO DA VITÓRIA  
Fernanda Grabovski

PROJETO GRÁFICO | DIAGRAMAÇÃO E CAPA  
Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima

